O DEBATE SOBRE AS CLASSES MÉDIAS ATRAVÉS DE AUTORES DA TRADIÇÃO MARXISTA

Leandro Blanque Becceneri[1]

RESUMO: O trabalho busca compreender as teses a respeito das classes sociais, mais especificamente das classes médias, a partir de intérpretes de Marx. Partindo das determinações sobre a divisão do trabalho e a geração de mais-valia, Marx entende que uma classe social se determina pela sua condição em relação aos meios de produção, pela sua representação na sociedade e por seus aspectos políticos e ideológicos. No capítulo 52, do Livro III de *O Capital*, o autor inicia o debate a respeito de como determinar especificamente uma classe social. Entretanto, Marx não chega a concluir esse capítulo. Essas abordagens serão desenvolvidas por uma série de intérpretes de sua obra. O capitalismo gerou e gera mudanças nas estruturas sociais, levando a uma constante revisão dos conceitos a esse respeito. Assim sendo, o trabalho, depois de passar por uma breve compreensão sobre a formação das classes sociais para Marx, procura nos trabalhos de autores de vertente marxista uma compreensão sobre as classes médias. A metodologia que será utilizada no desenvolvimento do trabalho será a de revisão bibliográfica de obras de Karl Marx que abordam a temática das classes sociais e médias, e principalmente a dos já mencionados autores da tradição marxista.

PALAVRAS-CHAVE: classe média. classe social. Marx.

1 Introdução

O presente trabalho busca entender, a partir das ideias de Marx, a classe social especificada como classe média[2]. Nesse sentido, o artigo procura abordar autores que ajudem na análise sobre o que vem a ser "classe média" nas teses deste autor. O percurso sobre o qual Marx irá trabalhar não envolve apenas a ideia de classe social, mas também os temas relacionados a isso (mais-valia, geração de riquezas, divisão do trabalho, condição de trabalho, apropriação de valor), sendo esse um percurso que aparecerá em boa parte de sua obra.

Nesse trabalho será revisitado o debate, com base na vertente marxista, sobre o que pode ser entendido por classe social e, mais especificamente, por classe média em sua

[1] Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo, campus Guarulhos. Pós-graduado em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Atualmente é mestrando no programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo e graduando em Gestão Pública pela Universidade Metodista de São Paulo.

[2] Jacob Gorender cita na apresentação da obra *O Capital* (pág. 6, 1996), da Editora Nova Cultural, que a família de Marx pertencia à classe média, sendo essa de origem judaica.

essência. Nesse sentido, o objetivo do trabalho é explorar as questões colocadas à classe média pelo sistema do capital e interpretar o que é uma classe média seguindo as premissas deixadas por Marx.

A partir daí, levantam-se algumas perguntas: O que significa referir-se a um determinado grupo social como classe média? Quais os tipos de trabalho e funções sociais que contribuem para a essa classificação? Como surgem e como atuam? Seriam essas perguntas capazes de responder o que é uma classe média, ou são necessários entendimentos em outros campos, para além de uma ideia econômica e de representação social? Com base nessas questões é buscado um entendimento em Karl Marx sobre o que é uma classe média, pela análise de alguns trabalhos de autores dessa vertente.

Para atingir tais objetivos, a metodologia que será utilizada no desenvolvimento do trabalho será a de revisão bibliográfica de algumas obras de Marx que abordam a temática das classes sociais e também a de autores da tradição marxista.

2 A delimitação das classes em Marx

É apropriado considerar os escritos de Saint-Simon como os primeiros a sintetizar elementos coerentes de uma teoria das classes sociais na era moderna. Mesmo sendo seus escritos confusos e por vezes contraditórios, Saint-Simon foi o primeiro a elaborar uma teoria para o estudo dos problemas que envolvem as classes (GIDDENS, 1975). Entretanto, foi Karl Marx o precursor no estudo das classes sociais e na utilização contínua dessa expressão[3]. Assim, temos o início dessa discussão citando especificamente o capítulo 52 - "*Classes*" - do *Livro III* da obra *O Capital*, onde Marx elabora algumas questões acerca do que são classes sociais e como estas são formadas:

> A primeira pergunta a ser respondida é a seguinte: O que constitui uma classe? – E a resposta a esta segue naturalmente a partir da resposta a outra pergunta, a saber: O que faz com que trabalhadores assalariados, capitalistas e proprietários constituam as três grandes classes sociais? É, à primeira vista, a identidade de suas rendas e fontes de renda. Trata-se de três grandes grupos sociais cujos componentes, os indivíduos, que os formam, vivem respectivamente de um salário, do rendimento ou da renda do solo, isto é, da exploração de sua força de trabalho, de seu capital ou de sua propriedade territorial. No entanto, a partir deste ponto de vista, os médicos e oficiais, por exemplo, constituiriam também duas classes, pois eles pertencem a dois

[3] A utilização da expressão "classe" é problematizada por Giddens (1975), que critica o método utilizado por Marx. O autor aponta que Marx não cria uma definição formal de tal conceito. Ele cita ainda que na teoria de Marx há modelos "puros" e "concretos" de classe dentro da estrutura do capitalismo e do processo de desenvolvimento capitalista, levando a uma complicação no emprego de tal expressão.

> grupos sociais distintos, membros de um grupo que recebem suas receitas de uma mesma fonte. O mesmo seria válido para a fragmentação infinita de juros e classes na qual a divisão do trabalho social divide os trabalhadores, bem como os capitalistas e os latifundiários, estes últimos, por exemplo, são os proprietários de vinhas, proprietários rurais, proprietários de florestas, proprietários de minas e proprietários das pescas (MARX, 1996b, p. 610).[4]

Com relação à pergunta inicial de Marx sobre o que levam assalariados, capitalistas e proprietários a constituirem as três grandes classes do capitalismo, Rosdolsky (2001) apresenta a seguinte resposta:

> No que diz respeito aos trabalhadores assalariados e aos capitalistas, só pode haver uma resposta: suas funções no processo de produção. No tocante ao trabalho assalariado isso é óbvio: sem a presença dele a ordem social capitalista seria inimaginável. Para valorizar-se, o capital deve encontrar constantemente uma classe de pessoas que não possuem meios de produção e que, por isso, só ao preço de realizar um mais-trabalho conseguem obter uma participação no valor que criam. Também a existência e o papel da classe dos capitalistas (estamos tratando aqui, naturalmente, dos capitalistas industriais) estão determinados por sua função no processo de produção (ROSDOLSKY, 2001, p.43).

Assim, vemos que as questões formuladas por Marx mostram sua intenção em definir claramente o que seria uma classe social, como esta se forma e como estaria inserida no mundo capitalista. Ainda que interrompido antes de um maior desenvolvimento, esse capítulo mostra que Marx começava a buscar as claras definições para tal tema.

Surge, então, nesse artigo o interesse pela classe que se encontra no meio das duas classes puras do sistema de produção capitalista, a classe que Lukács define em sua obra *História e Consciência de Classes* (2003) como "classe de transição". Segundo o autor, a pequena-burguesia encontra-se num aspecto de transição, uma vez que os interesses da burguesia e do proletariado simultaneamente se ocultam, passando a ter um sentimento também transitório de estar acima de uma oposição às classes em geral. Há diversos pontos a serem considerados sobre essa classe pequeno-burguesa, desde sua posição econômica, ideológica, seus interesses e sua relação com a luta de classes.

É importante compreender que Marx identificava que a posição social dos indivíduos se dava com base em sua relação com os meios de produção, sendo assim, um capitalista possui capital, um nobre possui terras e um trabalhador possui sua força de trabalho, a qual necessita vender. Assim, classe é determinada através da relação de indivíduos com os meios de produção. Tal sentido também se relacionaria com a divisão do trabalho na sociedade, uma

[4] Trecho da obra *O Capital* traduzido pelo autor deste artigo.

vez que isso é fundamental na criação e acumulação de excedentes, proporcionando o ambiente para a existência de diferentes classes. Assim, no capítulo 1 de *O Capital* temos que:

> A Natureza não produz de um lado possuidores de dinheiro e de mercadorias e, do outro, meros possuidores das próprias forças de trabalho. Essa relação não faz parte da história natural nem tampouco é social, comum a todos os períodos históricos. Ela mesma é evidentemente o resultado de um desenvolvimento histórico anterior, o produto de muitas revoluções econômicas, da decadência de toda uma série de formações mais antigas da produção social. (MARX, 1996a, p. 287).

As sociedades primitivas tinham uma pequena divisão social do trabalho, sendo a propriedade dos meios de produção comum a todos da comunidade. Com o passar do tempo, há uma maior divisão do trabalho e também da riqueza. Isso vem acompanhado pelo surgimento e expansão da propriedade privada. Todo esse processo, que atravessa o tempo e o desenvolvimento das sociedades, cria as condições para que um produto excedente produzido por determinada sociedade seja apropriado por uma minoria de não produtores que assim estabelecem uma relação de exploração em relação a uma grande maioria de produtores (ou seja, trabalhadores).

Marx ressalta que a evolução do processo técnico causa um crescimento da renda total, dando vez a um contínuo aumento da classe que se encontra entre o proletariado e os proprietários de capital (LABINI, 1983). Essa classe, nem possuidora de grandes bens nem trabalhadora manual, seria chamada de pequena burguesia: trabalhadores autônomos (professores, engenheiros, médicos), gerentes, pequenos comerciantes e pequenos proprietários de terra. O principal ponto para a definição de classe seria a ligação com a posse de propriedade, com relação aos meios de produção e com o assalariamento pelo trabalho.

Com relação ao trabalho, o sociólogo marxista Nicos Poulantzas contribui com o debate quando diz: "Assim, no modo de produção capitalista, é "trabalho produtivo" aquele que produz mercadorias, portanto a mais-valia. É precisamente o que define "economicamente", neste modo, a classe operária; o trabalho produtivo leva diretamente a divisão de classes nas relações de produção" (POULANTZAS, 1975, p.10).

E continua no que tange a função da divisão do trabalho na divisão social:

> Isso é importante na questão das classes sociais. Sua delimitação depende das relações de produção, que levam diretamente à divisão social do trabalho e à superestrutura político-ideológica, e não das coordenadas de um "processo técnico" qualquer em si: a divisão do trabalho está dominada pela divisão social. (POULANTZAS, 1975, p. 13).

É importante ressaltar que, com relação à pequena burguesia, podemos encontrar membros desta classe que executam o "trabalho produtivo", como artesãos, pequenos comerciantes, camponeses com modestas propriedades, mas também membros que executam o "trabalho improdutivo", como funcionários públicos, intelectuais e burocratas. [5] Tal questão a respeito dessas relações com os meios de produção será abordada mais adiante.

Ainda em *O Capital*, *Livro I*, Marx vê nesse processo de evolução técnica do sistema capitalista outra consequência:

> O extraordinário aumento alcançado pelas forças produtivas da grande indústria permite tornar improdutiva parte cada vez maior da classe operária e, por conseguinte reproduzir, sobretudo os antigos escravos domésticos sob o nome de 'classe de servidores', como camareiros, serviçais, laicos etc., sempre mais em massa. (MARX, 1996a, p. 254).

Entretanto, segundo o economista italiano Paolo Sylos Labini: "A posterior evolução das classes sociais não correspondeu à previsão de Marx." (1983, pág. 51). Para tal autor, Marx e Engels previram no *Manifesto Comunista*, o declínio e mesmo o desaparecimento da pequena burguesia enquanto força social e política, sendo esta vista como uma classe composta por camponeses proprietários, artesãos e pequenos comerciantes que, com um aumento da evolução técnica do trabalho, teria se tornado decadente, deixando o terreno livre para os dois grandes grupos da sociedade moderna: a burguesia industrial e o proletariado industrial:

> Nos países nos quais a civilização moderna se desenvolveu completamente, formou-se uma classe de pequenos burgueses, que oscila entre o proletariado e a burguesia, renovando-se sempre como fração suplementar da burguesia. Os membros desta classe, no entanto, se veem constantemente precipitados no proletariado devido à competição, e à medida que a indústria moderna se desenvolve veem-se na iminência de desaparecerem como um setor independente da sociedade moderna, sendo substituídos na manufatura, na agricultura e no comércio por supervisores, capatazes e empregados (MARX, 2006, p. 49).

3 Identificação e formação das classes médias

[5] Nesse artigo, tentou-se não se alongar no amplo e complexo debate acerca das questões relativas às categorias de trabalho produtivo e trabalho não produtivo. Apesar da importância fundamental desse debate na formação das classes sociais e principalmente das classes médias, essa questão poderia, de certa forma, tirar o foco do artigo, que busca em Marx o que seria considerada a classe média.

Nas teses de Marx, a estrutura de classes do modo de produção capitalista é caracterizada pela luta entre duas classes fundamentais: os que possuem os meios de produção, capitalistas e burgueses, e o proletariado ou classe trabalhadora, que necessita vender sua força de trabalho, uma vez que essa é seu único meio de subsistência. Nesse sentido, daria-se a estrutura econômica fundamental do modo de produção capitalista, opondo trabalho e propriedade. Marx via nesse sistema uma dicotomia básica na questão das classes sociais. Tal divisão, nas sociedades primitivas, resultaria em uma divisão polar múltipla das diversas classes opressoras e oprimidas. Georg Lukács em um trecho da obra *História e Consciência de Classe* escreve:

> A burguesia e o proletariado são as duas únicas classes puras da sociedade, isto é, apenas a existência e a evolução dessas classes se baseiam exclusivamente na evolução do processo moderno de produção e não se pode imaginar um plano de organização da sociedade em seu conjunto senão a partir de suas condições de existência (LUKÁCS, 2003, p. 143).

De acordo com o sociólogo polonês Stanislaw Ossowski (1976), essa divisão daria lugar, em sociedades mais desenvolvidas, a uma única dicotomia que incluiria tudo, levando ao desaparecimento das classes intermediárias. Cabe ressaltar que mesmo com essa visão, Marx estudou o estrato intermediário, uma vez que esse representava importantes posições na estrutura da sociedade de sua época. Dessa forma, ele insere uma camada no meio dessa divisão dicotômica. Cabe também ressaltar que Marx, na elaboração de suas teses, se deparou com uma grande heterogeneidade na constituição dessa classe intermediária, o que tornou sua classificação bastante complexa.

Ainda segundo Ossowski:

> Nesse esquema, a classe intermediária, em geral chamada de pequena burguesia por Marx, sem consideração a qual referência esteja sendo feita, a residentes urbanos ou rurais, se determina pela aplicação simultânea dicotômica de classes sociais se tomada separadamente, embora de um modo diferente. Um critério é a propriedade dos meios de produção, critério este que num esquema dicotômico divide a sociedade em classes proprietárias e não-proprietárias. O segundo critério é o trabalho, em distinção quanto à concepção de Saint-Simon, não inclui as mais elevadas funções empresariais nas empresas capitalistas (1976, p. 95).

Tal diferenciação entre a classe média urbana e rural é apresentada por haver o entendimento de que há uma distribuição desigual dos bens materiais e simbólicos, variando em função da região e do fato das pessoas viverem na cidade ou na zona rural. Entretanto, no

que se pretende abordar aqui, ou seja, a classe média, vemos que no campo, assim como na cidade, no modo de produção capitalista as duas classes básicas (exploradora e explorada) se mantém, mudando apenas os agentes: na fábrica o industrial e o operário, no campo o latifundiário e o camponês. Essa classe média rural incluiria artesãos, pequenos proprietários de terra e modestos produtores agrícolas. Eles não utilizam de trabalho assalariado, e sua renda advém dos rendimentos da terra. Tal como nas cidades, as camadas médias rurais são gradualmente forçadas para estratos mais baixos, em direção ao proletariado, em parte porque seus pequenos capitais disponíveis para investimento não são suficientes para competir com a moderna indústria agrária e também porque sua capacidade profissional é prejudicada pelos novos métodos de produção (LABINI, 1983).

Marx ressalta que o proletário é o trabalhador que, por não possuir uma qualificação específica e "única" pode ser substituído a qualquer momento, por outro trabalhador que executaria a mesma função (MARX, 2006). Assim, classificaríamos a classe intermediaria pelos limites das duas classes básicas (e também antagônicas). Esta seria formada por pessoas ligadas a cada uma das duas classes básicas e, "a pequena burguesia, conforme determinado por suas peculiares relações com os meios de produção, ocupa uma posição central na graduação econômica, agora tricotômica" (OSSOWSKI, 1976, p.97).

Entretanto, se levarmos essa divisão adiante, veremos a expansão por diversos conceitos. Em Marx, classe seria uma junção de fatores objetivos e subjetivos. Assim, de modo objetivo, uma classe compartilha uma posição comum com os meios de produção e de modo subjetivo, os integrantes dessa classe terão essencialmente alguma percepção ou, como Lukács (2003) define "alguma consciência de classe" de seus interesses comuns e de sua afinidade. Ainda segundo Lukács, essa "consciência de classe" não é puramente uma consciência de sua própria classe de interesse, mas também um conjunto de pontos de vista comuns sobre como a sociedade deve organizar-se de forma legal, cultural, social e também política.

Em relação ao expresso no *Manifesto Comunista* (2006) sobre a pequena burguesia, podemos constatar que esse grupo sobreviveu a diferentes mudanças econômicas e, além de continuar, aumentou seu tamanho. Talvez isso tenha ocorrido por trabalharem por conta própria, por possuírem uma necessidade de *status* particular do grupo e de viverem de forma independente, associando-se a outras classes no decorrer de suas necessidades. Cria-se então,

a já mencionada dificuldade em diferenciar essas pessoas dos burgueses ou dos proletários. Nesse sentido, Nicos Poulantzas contribui com tal debate quando diz:

> Mas uma sociedade concreta, uma formação social, comporta mais de duas classes sociais, na medida mesmo em que está composta de vários momentos e formas de produção. Com efeito, não existe formação social que não comporte mais do que duas classes; o que é exato, é que as duas *classes fundamentais* de toda a formação social são as do modo de produção dominante nessa formação. Assim, por exemplo, na França atual, as duas classes fundamentais são a burguesia e o proletariado. Mas se encontra igualmente a pequena burguesia tradicional – artesãos, pequenos comerciantes -, que depende da forma de produção mercantil simples, a pequena burguesia "nova" dos assalariados não produtivos, que depende da forma monopolista do capitalismo, e várias classes sociais no campo, no qual se encontram ainda vestígios transformados do feudalismo (POULANTZAS, 1975, p. 15).

Há também outro critério na determinação da classe intermediária. O critério básico e fundamental da posse dos meios de produção se mantém, entretanto, o mesmo não inclui na classe intermediária os que trabalham por conta própria e que possuem seus modestos meios de produção, mas sim os que não se utilizam da contratação de mão-de-obra (OSSOWSKI, 1976). A pequena burguesia também é, por vezes, descrita como a classe que aplica o capitalismo em favor dos capitalistas, embora também seja considerada, por algumas versões, como sendo parte do proletariado ou classe trabalhadora, mantendo conflito de interesses com a classe dominante.

Também existe parte dos trabalhadores que, devido a sua renda superior, se consideram classe média. Mas, a partir de uma perspectiva marxista, tomada em seu sentido mais amplo, aqueles que trabalham por um salário são na verdade, quase sempre parte da classe trabalhadora. Professores, líderes de produção e funcionários públicos, por exemplo, tornam-se cada vez mais parte integrante da classe operária, do ponto de vista da luta de classes.

Além disso, a chamada "classe média baixa" que outrora era orgulhosa de ter atingido tal posição por seu próprio esforço e sucesso, é continuamente forçada para as fileiras da classe trabalhadora, devido ao desenvolvimento dos meios de produção ou do atraso no desenvolvimento da economia em geral. Como contido no *Manifesto Comunista*: "As camadas inferiores da classe média - os pequenos comerciantes, aposentados em geral, os artesãos e os camponeses - todos estes vão gradualmente em direção ao proletariado. Dessa forma, o proletariado é recrutado em todas as classes da população" (MARX, 2006, p. 67).

4 A pequena burguesia em si

Como dito anteriormente, a classe média na perspectiva de Marx, se distingue das demais classes principalmente por seu lugar no sistema de produção capitalista, pela sua instrução, mentalidade e alinhamento ideológico. Sobre o aspecto político e ideológico, podemos encontrar a base teórica de tais concepções em *O Dezoito de Brumário de Loius Bonaparte*, do próprio Marx:

> A pequena burguesia percebeu que tinha sido mal recompensada depois das jornadas de junho de 1848, que seus interesses materiais corriam perigo e que as garantias democráticas que deviam assegurar a efetivação desses interesses estavam sendo questionadas pela contrarrevolução. Em vista disto aliara-se aos operários. Quebrou-se o aspecto revolucionário das reivindicações sociais do proletariado e deu-se a elas uma feição democrática; despiu-se a forma puramente política das reivindicações democráticas da pequena burguesia e ressaltou-se seu aspecto socialista. [...] O caráter peculiar da socialdemocracia resume-se no fato de exigir instituições democráticorepublicanas como meio não de acabar com os dois extremos, o capital e o trabalho assalariado, mas de enfraquecer seu antagonismo e transformá-lo em harmonia. Por mais diferentes que sejam as medidas propostas para alcançar esse objetivo, por mais que sejam enfeitadas com concepções mais ou menos revolucionárias, o conteúdo permanece o mesmo (MARX, 2002, p. 226).

Assim sendo, segundo Marx (2002) é preciso compreender a posição política da pequena burguesia com relação a sua conduta com o extrato pequeno burguês. O trecho acima citado demonstra que uma classe não se define somente por sua posição no sistema econômico de uma sociedade e da divisão social do trabalho presente nesta, mas também existem outros fatores que podem influenciar essa definição. Marx apresenta uma explicação sobre esse aspecto da pequena burguesia:

> O democrata, por representar a pequena burguesia, ou seja, uma classe de transição, na qual os interesses de duas classes perdem simultaneamente suas arestas, imagina estar acima dos antagonismos de classes em geral. Os democratas admitem que se defrontam com uma classe privilegiada, mas eles, com todo o resto da nação, constituem o povo. O que eles representam é o direito do povo; o que interessa a eles é o interesse do povo (MARX, 2002, p. 229).

Entretanto, a questão que se pretende levantar aqui é a relação da pequena burguesia com os meios de produção e em relação a si mesma. Se essa é uma classe, e as classes se dão de acordo com suas relações com os meios de produção, como esta pode ser considerada uma classe com agentes tão heterogêneos?

Nicos Poulantzas enxerga nesse grupo dois grandes conjuntos de agentes, sendo eles a pequena burguesia tradicional e a "nova" pequena burguesia. A tradicional consistiria nos

proprietários de pequenas produções, pequenos comércios e pequenas terras, cuja mão de obra utilizada é deles próprios, não empregando trabalhadores assalariados e obtendo lucro com a venda de suas mercadorias e pela redistribuição total da mais-valia. Essa fração tradicional tenderia a diminuir ao longo do tempo; já a "nova" pequena burguesia seria constituída por trabalhadores não produtivos, assalariados, que seriam servidores públicos do Estado, não produtores de mais-valia. Sua exploração se dá pela extorsão direta do sobretrabalho e não através da mais-valia. Ao contrário da fração tradicional, essa parte da pequena burguesia tende a aumentar com o tempo (POULANTZAS, 1975). Interessante perceber como esse grupo de pessoas e suas variadas relações com os meios de produção, são colocados como membros de uma única classe. De forma superficial, isso poderia parecer uma contradição com a própria teoria de Marx. Porém, para clarear a questão da junção da "tradicional" e da "nova" pequena burguesia sob uma só classificação, Poulantzas faz a seguinte indagação:

> Agora bem, estes dois grandes conjuntos ocupam na produção posições diferentes, que não têm nada em comum. Podem ser considerados como constituindo uma classe, "a pequena burguesia"?
> Podem ser dadas aqui duas respostas:
> a) A primeira inclui precisamente critérios políticos e ideológicos. Pode-se, com efeito, considerar que essas posições diferentes na produção e na esfera econômica têm, ao nível político e ideológico, os mesmos efeitos [...] (POULANTZAS, 1975, p. 21).

A instabilidade política e econômica da pequena burguesia gera importantes processos de alinhamento político. Essa classe, quando em dificuldade, se alia aos grupos dominantes da grande burguesia, apoiando Estados fortes, tentando conter ameaças de revoluções para preservar o status e manter, assim, seu desejo de se tornar burguês. Tais características imateriais presentes em ambas as "pequenas burguesias" bastariam para colocá-las como uma classe relativamente unificada. Isso é possível, pois, no marxismo, há a distinção entre frações de classes, sendo que é amplamente possível uma divisão nos âmbitos políticos e ideológicos, de uma mesma classe (POULANTZAS, 1975, p. 22). Tal autor propõe também uma segunda solução a essa questão:

> b) Segunda solução, sob duas formas:
> b1) Reservar o termo pequena burguesia para a pequena burguesia tradicional, e falar a propósito dos assalariados não produtivos de uma classe social. Isto coloca, não obstante problemas teóricos e reais difíceis: a menos que se considere que o modo de produção capitalista está superado e que nos encontramos em uma sociedade "pós-industrial" ou "tecnocrática" qualquer, que produziria essa nova classe, como suster que o próprio capitalismo, em seu desenvolvimento, produza

> uma nova classe? O que é possível para os ideólogos da "classe diretorial" é inconsebível para a teoria marxista.
> b2) Classificar, a exemplo do PC, a esses assalariados não produtivos, não na pequena burguesia, mas sim nas "camadas intermediárias". O que é igualmente falso, como já se viu, por uma razão adicional: se bem que o marxismo fale de camadas, de frações e de categorias, a fim de designar conjuntos particulares, nem por isso deixam de continuar possuindo uma adscrição de classe. A aristocracia operária é, com efeito, uma camada específica, mas uma camada da classe operária [...] os "intelectuais" ou a "burocracia" são categorias sociais particulares, mas que tem uma adscrição de classe burguesa ou pequeno-burguesa.
> Isto é, ademais, entre outras coisas, o que distingue o marxismo das diversas concepções norte-americanas da estratificação social (POULANTZAS, 1975, p. 23).

Essa divisão em frações de classes, sem excluir ou limitar determinados seguimentos é, ainda segundo Poulantzas, o que distingue o marxismo de outras concepções da estratificação social. O marxismo coloca de modo rigoroso distinções no âmbito da divisão das classes. As camadas, frações e categorias não se apresentam fora ou excluídas das classes sociais sendo os aspectos políticos e ideológicos igualmente importantes para a determinação da divisão das classes.

Dessa forma, o presente artigo se justifica por um debate em relação às conclusões a que chegam os autores citados, com relação às classes médias, mostrando ser um tema, sem dúvida, bastante amplo. No âmbito da interpretação dessa categoria dentro do marxismo, resulta-se em uma ampliação dos conceitos envolvidos. Isso é feito com base nos próprios conceitos de Marx em relação às classes e a influência do capital em sua formação. Dessa forma, na atual fase da reprodução do capitalismo, onde surgem inúmeras mudanças que reconfiguram as formas de produção, tratar das classes sociais e de seus conceitos e desdobramentos, pela perspectiva de Karl Marx, torna-se algo amplo e complexo, não havendo uma única interpretação.

5 Considerações finais

Pode-se constatar que já existe um grande debate sobre o tema das classes sociais e das classes médias. Entretanto, no presente trabalho pretendeu-se desenvolver um pouco mais esse debate em torno de tal questão, perpassando a obra de Marx e de autores da tradição marxista que ajudaram na análise sobre as classes médias. Essas questões referentes às classes médias, elucidadas por Marx no contexto do estabelecimento conceitual, foram massivamente discutidas por seus seguidores.

Dessa forma, com base na bibliografia citada e revisada para a elaboração do trabalho, verifica-se que não existe apenas uma interpretação a respeito dessa classe no sistema

capitalista, sendo que muitas interpretações diferentes são encontradas em um grande número de obras. Verificou-se também que vários autores que fizeram a análise da obra de Marx buscaram conciliar a desarmonia no emprego dos conceitos de classe social de forma a apresentar um conceito unificado. Neste artigo, foram utilizados autores marxistas em busca de elucidar um pouco mais essa questão e compreender os limites que definem as classes sociais, com foco no já citado estrato médio.

Portanto, o que se observou ao revisar a obra dos autores marxistas citados e do próprio Marx, é que, para que a delimitação das classes médias no capitalismo seja funcional e compreensível, é preciso entender que esta se dá na fronteira com as duas classes fundamentais, classes estas que se opõem uma a outra. Essa oposição seria o ponto fundamental no que tange a separação da classe média das outras duas classes básicas. Dessa forma, haveria uma sobreposição de extensões das classes que resultaria na formação dessa classe intermediária (OSSOWSKI, 1976). Assim, pode-se elaborar uma compreensão de que essa pequena burguesia seria composta por pessoas ligadas às duas classes fundamentais desse sistema, não apenas pelo critério de relação com os meios de produção, mas também por sua consciência de classe, sua posição social e seu papel na sociedade.

A pequena burguesia se caracterizaria então por conter os estratos médios de uma sociedade capitalista multivariada, que vai além de uma divisão dicotômica básica, refletindo sua real estrutura social. Entre seus membros encontramos profissionais liberais, professores, gerentes, pequenos proprietários de terra, de oficinas, de comércio, etc. Comum a todos eles, há o fato de que não são nem proprietários de vastos meios privados de produção, nem mão-de-obra assalariada que vende sua força de trabalho no chão das fábricas. Sendo assim, o debate em torno do tema da classe média se expande pelos temas acima expostos, assim como seu lugar no sistema de produção capitalista, tornando esse debate muito mais amplo e complexo, na medida em que abrangem características ideológicas, políticas, sociais e econômicas (POULANTZAS, 1975).

6 Referências

GIDDENS, Anthony. **A Estrutura de Classes das Sociedades Avançadas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARX, Karl. **Capital – Volume III: A Critique of Political Economy - The Process of Capitalist Production as a Whole**. Edited by Friedrich Engels. New York: International Publisher, 1996b.

_____. **Manifesto Comunista**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

_____. **O Capital – Livro I, Volume I**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996a.

_____. **O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte**. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão para eBook: eBooksBrasil.com, 2002.

LABINI, Paolo Sylos. **Ensaio Sobre as Classes Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classes**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

OSSOWSKI, Stanislaw**. Estrutura de Classes na Consciência Social**. 2ª edição. Rio de janeiro, Zahar Editores, 1976.

POULANTZAS, Nicos. **As Classes Sociais no Capitalismo de Hoje**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

ROSDOLSKY, Roman. **Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx**. Rio de Janeiro: Editora Uerj – Contraponto, 2001.